

mac

As artes em uma nova fase

A professora Elza Ajzenberg assume a direção do Museu de Arte Contemporânea da USP prometendo valorizar a pesquisa artística e estreitar os laços com o campo científico

MARIA EUGÊNIA DE MENEZES



Emiliano Di Cavalcante - Sem título

O Museu de Arte Contemporânea da USP ganhou, na última quinta-feira, uma nova diretoria. A professora da Escola de Comunicações e Artes, Elza Maria Ajzenberg, escolhida pelo reitor a partir de uma lista tríplice, deve ficar à frente do museu pelos próximos quatro anos.

O MAC, idealizado em 1963 por Francisco Matarazzo Sobrinho, o Ciccillo, tem passado ao longo dos anos por muitas transformações e Elza deve encontrar um museu bem diferente daquele concebido pelo grande mecenas. Os oito funcionários dos anos 1960, hoje são mais de cem. Na afirmação de sua vocação universitária, o museu constituiu um grupo de pesquisadores, pioneiros no estudo da história da arte na USP. Mudou de sede, e em 1992 deixou o prédio da Fundação Bienal para ganhar uma sede própria dentro da Cidade Universitária.

Nos seus quase 40 anos de existência, o MAC continua a ter uma das maiores coleções de arte moderna mas também amadureceu, cresceu e passou por grandes percalços. As diferentes diretorias, cada uma delas com sua visão de gestão e de história da arte, imprimiram uma marca, um sinal na história da instituição.

História e histórias

Testemunha dessas idas e vindas, a professora Daisy Peccinini de Alvarado, que ainda hoje faz parte do corpo de curadores, está no museu desde 1968, quando Ciccillo ainda circulava pelos corredores da Bienal e do MAC. "Acho que Francisco Matarazzo Sobrinho criou o MAC, doando seu acervo pessoal e o do Museu de Arte Moderna porque percebeu a dificuldade de conciliar os dois projetos que coordenava à época, o MAM e a Bienal", diz Dayse. "A transformação desse precioso acervo em patrimônio público foi a forma encontrada por Ciccillo para resguardá-lo dos conflitos da iniciativa privada que naquele momento, permeavam essas duas instituições".

Quando a USP não tinha um só trabalho de pós-graduação em história da arte, vista até então como um segmento menor, ela defendeu, em 1965, o mestrado sobre Victor Brecheret. Seu orientador, Walter Zanini, foi o primeiro diretor do MAC e três anos depois a professora se tornaria sua assistente.

NESTA EDIÇÃO

especial

- MAC
As artes em uma nova fase

universidade

- EDUCAÇÃO
Os modernos instrumentos da pedagogia
- PSICOLOGIA
Cidadania para falar e ouvir

nacional

- MERCADO DE TRABALHO
A busca de um lugar ao sol
- SEGURANÇA
Democracia e cidadania
- ENERGIA
Para um ambiente mais saudável

cultura

- BIENAL
Do mundo para os livros. Dos livros para o mundo
- LEITURA
Boas e enriquecedoras novidades
- ETNIA
Cacos de pré-história

vamos

- BIENAL DO LIVRO
Conheça alguns lançamentos
- FILOSOFIA
Reflexões sob a luz da tradição
- PROJETO
O cinema que vai à praia
- BOLSAS
- CURSOS
- AGENDA
2a. | 3a. | 4a. | 5a. | 6a. | F

opinião

- Evolução do mercado de trabalho: motivos para otimismo?



Fernand Léger - Composição

Walter Zanini comandou o MAC por 15 anos. Nesse período, quando a Universidade parecia ainda não estar preparada para encarar arte como um saber, ele criou um Centro de Documentação e Pesquisa, começando a rever as fichas das obras, que ainda permaneciam intocadas, do jeito como chegaram do MAM. O acervo teria pela primeira vez uma catalogação completa e o MAC começava nesse momento a engatinhar na construção de uma tradição de pesquisa da arte e formação de profissionais qualificados. “O lugar em que ficava a reserva técnica era muito escuro. Era um trabalho muito solitário, que envolvia um procedimento técnico e científico, mas em alguns momentos tinha um lado muito gratificante. Ainda me lembro da emoção de ser uma das primeiras pessoas a ver as aquarelas em papel do Di Cavalcanti que tínhamos no acervo.” Desde esse momento, as obras em papel já eram um destaque na coleção do MAC. Hoje, elas equivalem a mais da metade do acervo e se destacam por sua representatividade. Há desde gravuras de Paul Klee a raridades em arte conceitual. Daisy também recorda a convivência pacífica do museu com a Fundação Bienal, que nessa época compartilhava o mesmo espaço físico. O prédio estava dividido ao meio; cada instituição construiu uma parede, cada uma com a sua porta e para passar de um lado para o outro era necessário atravessar uma espécie de área neutra, de cerca de 1,5 m que separava as duas portas. Durante a gestão de Zanini, o MAC nunca teve que desmontar sua exposição para ceder espaço para a realização da Bienal, mas isso mudou e se tornaria um grande problema para o jovem museu.



Vicente do Rego Monteiro -
Retrato de Joaquim Rego
Monteiro

“Eu nunca vi, em lugar nenhum do mundo, se desmontar um museu para se mostrar uma Bienal”, conta Daisy. As divergências foram aumentando. O MAC passou a perder espaço, primeiro a cada dois anos, durante o período da Bienal, depois para outros eventos que a fundação organizava. Legalmente, o espaço no prédio da Bienal pertence à Universidade e uma parte da reserva técnica ainda hoje está lá, mas, gradativamente, Anita Malfatti, De Chirico, Boccioni e Modigliani foram ficando acanhados e acabaram mudando de casa.

Casa nova

O MAC perdeu um lugar de grande visibilidade na cidade, o parque do Ibirapuera, mas ganhou, em 1992, durante o mandato da professora Ana Mae Barbosa, uma sede própria no campus. Daisy, que estava afastada do MAC desde 1971 — tempo em que trabalhou em Campinas e também no Chile, onde esteve, junto com Mário Pedrosa, no Museu de la Solidariedad —, retornava justamente nesse momento de transição e mudança. A gestão anterior, da professora Aracy Amaral, teria lançado os alicerces para firmar a relação da arte com a educação, e isso se aprofundaria com o trabalho de Ana Mae.

“Mesmo com poucos recursos, o museu passou a fazer jus a sua vocação e se tornou um espaço para novos artistas através da realização de vários workshops e exposições. Outras manifestações artísticas como a dança, as performances, também chegavam ao museu.” A nova sede era precária, não tinha sistema de ar-condicionado, a iluminação era feita com luminárias de galpão industrial e não havia um eficiente sistema de segurança nem contra roubo nem contra incêndio, o que ameaçava um patrimônio avaliado em US\$ 350 milhões. A gestão da professora Lisbeth Gonçalves teria colocado em discussão o problema e a necessidade de uma reforma no museu que tinha ares de depósito de obras de arte. Também nessa época se pensou na criação de um espaço especial de exposição, o Gabinete de Papel. As mudanças na sede acabaram chegando. No ano de 2000, durante a gestão de Teixeira Coelho, o museu pôde abrir suas novas portas, depois de passar por uma reforma de oito meses, que consumiu mais de R\$ 2,5 milhões, financiados pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). A nova sede certamente assegurou melhores condições para a exposição do acervo mas não resolveu um outro grande



problema, a falta de espaço. Nos seus cerca de mil metros quadrados, o museu apresenta de forma permanente, 130 telas, esculturas e instalações e 400 trabalhos em papel mas tem um acervo muito maior: o museu mostra 6% do seu acervo total que chega a 8 mil peças. Os grandes museus apresentam cerca de 20%. Por se tratar de uma instituição voltada à arte contemporânea, categoria em que as obras ganham dimensões cada vez maiores, o problema se acentua. Para Daisy, uma possível solução seria a ampliação da atual sede, unida à construção de anexos. "Os museus do mundo inteiro começam a ter extensões. A cidade se torna tão grande que precisa e pode ter esses espaços alternativos. O importante é nunca perder de vista que se trata de um museu universitário, que deve, por isso, expor e se comunicar com a sociedade, mas sem acentuar demais essa extroversão e perder sua dimensão de pesquisa e de ensino."

O Mac como órgão integrador

ELZA AJZENBERG

"O papel dos museus em nossa relação com as obras de arte é tão grande que chegamos a pensar que não existe, que nunca existiu ... Esquecemos que eles impuseram ao espectador uma relação completamente nova com a obra de arte."

MALRAUX, André. Le Musée Imaginaire museu público e universitário é questão desafiadora. O Museu de Arte Contemporânea (MAC) da Universidade de São Paulo (USP), inserido no campus central da Universidade, é espaço de pesquisa, de formação educacional e de informação. O MAC constitui campo fascinante do estudo da arte e instiga a recepção estética.

A Universidade de São Paulo foi sempre um valioso instrumento de criação e originalidade a serviço da ciência e da sociedade.

Graças a essa perspectiva ousada, a USP teve contribuição decisiva na formação de uma visão crítica do Brasil, com pesquisadores nas mais diversas áreas de conhecimento.

A arte está inserida na USP desde as suas origens, com pesquisadores pioneiros como Roger Bastide, Lévi-Strauss, Jean Mangué, Ungaretti e, posteriormente, Lourival Gomes Machado, Ruy Coelho, Gilda de Mello e Souza e Antonio Candido. Tais contribuições continuam em várias unidades, institutos, museus, centros e associações de pesquisa. Pode-se afirmar que o MAC é um dos espaços de maior potencial para dar prosseguimento a essas conquistas. Contém as especificidades próprias de acervo de arte contemporâneo e de integração, podendo garantir a eficácia da transferência do saber, desde as suas origens.

O histórico do MAC contém passos de sua trajetória integradora. Foi criado em 1963, quando a Universidade de São Paulo, na gestão do reitor Ulhôa Cintra, recebeu o acervo que constituía o Museu de Arte Moderna (MAM).

Na herança histórica do MAC estão, além desse primeiro acervo, obras de coleções particulares do então presidente do MAM, Francisco Matarazzo Sobrinho – o Ciccillo- e de sua esposa, d. Yolanda Penteado.

Se for feita uma retrospectiva deste marco histórico, verifica-se que, desde a década de 1930, há, entre personalidades que implementaram a arte, o desejo da criação de um museu segundo a visão moderna da arte. O termo "moderno" possuía densidade e chaves das questões emergentes das tecnologias, ciências e artes, podendo ser entendido também como poder aglutinador de conquistas e progressos. Várias personalidades brasileiras, desde o final dos anos 20, movimentaram-se em direção dessas possibilidades. Mário de Andrade e Sérgio Milliet, nos anos 30, reivindicaram museus didáticos e contemporâneos. Nesse clima de emergências e atualizações está, na mesma década, a fundação da Universidade de São Paulo.

Portanto, no início histórico do MAC estão a constituição da primeira coleção especializada em arte do século 20, na América Latina, e a idéia de um museu resultante da ação de



Tarsila do Amaral - Floresta

pesquisadores e artistas, que lutaram pela criação de um espaço voltado para a arte moderna na cidade de São Paulo, uma ação preparada e liderada por intelectuais, com parâmetros modernos e potencial aglutinador.

Essa trajetória histórica teve reforços e estímulos internacionais, através do exemplo bem-sucedido do MoMA de Nova York, nos anos 40. Os norte-americanos estimularam os brasileiros, inclusive com a doação de obras de artistas tais como Alexander Calder, Max Ernst, Fernand Léger e Marc Chagall (doação de Nelson Rockefeller).

Ao ser inserido na Universidade de São Paulo, o MAC passou, ao mesmo tempo, a enriquecer a Universidade, instigando-a no seu processo criativo, e a participar de suas atividades de pesquisa, ensino e extensão. Nesse processo teve papel fundamental a ação de seus diretores, que desenvolveram trabalho inovador e de excelência, os quais merecem a gratidão de todos, a saber: Walter Zanini (1963-1978); Wolfgang Pfeiffer (1978-1982); Aracy Amaral (1982-1986); Ana Mae Barbosa (1986-1993); Lisbeth Rebollo Gonçalves (1994-1998) e José Teixeira Coelho (1998-2002).

Desse modo, o acervo do MAC, como grande patrimônio cultural, com obras de Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Brecheret, Tarsila, Rego Monteiro, Portinari, Oiticica, De Chirico, Boccioni, Picasso, entre outros, tem decorrências sociais, nacionais e internacionais. Constitui, portanto, grande potencial capaz de conectar as várias vertentes do conhecimento, da criatividade e da estética, através de diretrizes e parâmetros integradores.

Por conseguinte, o estudo e a difusão de seu acervo devem ter como base a pesquisa, a estrutura de suas divisões e o cumprimento de seu regimento. O MAC, como órgão integrador, possui vertentes internas e externas como eixos de suas divisões. A Divisão Técnico-Científica do Acervo é multiplicadora do Saber e Excelência do próprio acervo e prestadora de serviços e assessorias à comunidade universitária e à sociedade. Atividades de manutenção, conservação e montagens de exposições passam por esta Divisão.

Essa proposição contém uma questão desafiadora: qual deve ser o perfil do MAC como um museu contemporâneo? Trata-se de um museu com obras importantes do século 20? Como deve ser a sua ampliação para o século 21? Nesse sentido, são propostas as seguintes diretrizes:

- tornar as obras do MAC mais conhecidas nacional e internacionalmente;
- posicionar o MAC na vanguarda das tendências do século 21, mantendo, portanto, o seu grau de vanguardismo (que ele sempre teve), mas assumindo o grau de excelência que ele busca;
- desenvolver a integração entre os campos científico e artístico, geralmente separados na Universidade.

Essas diretrizes envolvem ações tais como: utilização, em proveito do MAC, da excelência de recursos humanos e equipamentos que a USP tem no campo da telemática (Internet 2, por exemplo); organização do museu virtual, com alto nível de resolução gráfica, acompanhado de textos de seu arquivo e de sua biblioteca. A ação básica proposta é a de estabelecer uma política de Acervo, pontuando critérios de aquisições de obras, independente das pressões do mercado de arte, sempre adequados às normas da Universidade.

Em relação à Divisão Científica da Educação e Arte, não se pode pensar em um museu universitário sem o papel educacional e artístico, acompanhando os desafios sociais. É vital a dinamização dessa Divisão, mantendo e organizando cursos, visitas didáticas e intercambiando ações com todos os setores da USP, dos museus e de outras instituições.

O MAC deve ser conhecido e visitado pelos professores, alunos e funcionários da própria USP e pelo público externo. É uma grande sala de aula, laboratório ou espaço aberto a todas as formas de diálogo e criação que expressem a densidade da arte contemporânea. Essa Arte é ponte para todos os processos que envolvem a vida do homem atual, sendo espaço para todas as

linguagens, poéticas e ousadas.

A Divisão Científica da Educação e Arte tem como diretrizes: contribuir para a formação cultural dentro e fora do campus, e afirmar-se como espaço educacional na sociedade, com características próprias. A ação prevista é fazer do MAC um centro integrador de conhecimento, capaz de aumentar de forma significativa o interesse entre educadores, alunos e funcionários, estreitando relacionamentos entre a USP e a comunidade.

Cursos, ateliês e eventos estão previstos para essas diretrizes.

A Divisão de Pesquisa em Arte-Teoria e Crítica é a divisão que garante a excelência universitária, alimenta o conhecimento; é o celeiro para o aperfeiçoamento humano. A sociedade não sobrevive hoje sem a excelência da pesquisa universitária.

Essa divisão tem como diretriz básica dinamizar o papel e a atuação dos recursos humanos do MAC dentro do conjunto da USP. Tem como pauta de suas ações o crescimento na carreira de seus pesquisadores, técnicos e funcionários, propiciando oportunidades de estudos, estágios e concursos.

As ações devem ser acompanhadas de projetos, debates e decisões, segundo o regimento interno do MAC, as normas da Universidade e o código de ética profissional do Comitê Internacional de Museus (Icom).

Em síntese, o MAC, visto como órgão integrador e acompanhado pela dinâmica de suas divisões, é entendido em seus desafios de museu público universitário e patrimônio social.

Dar continuidade à trajetória do Museu de Arte Contemporânea é manter sempre a sua responsabilidade de pertencer à Universidade de São Paulo, sua visão crítica e seu grau de excelência diante da sociedade. Seus pesquisadores, alunos e serviços de extensão fruem de reconhecimento nacional e internacional.

É fundamental o fomento da pesquisa intrínseca do próprio acervo, subsidiando a leitura estética de suas obras, contextos históricos e poéticas emergentes, através de publicações e sistemas informatizados, valorizando a interdisciplinaridade da arte contemporânea e das mídias digitais.

Ao lado dos suportes tecnológicos, na base de tudo estão a presença do artista e daqueles que fundamentam as divisões e a divulgação de seu conteúdo e do rico acervo do MAC.

Elza Ajzenberg é diretora do MAC/USP

[ir para o topo da página](#) 

